

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

MANUELA ASEVEDO DOS SANTOS INACIO

ESCOLA DE FOLIA DE REIS MESTRE DINIZ:

Elaboração de um projeto cultural de preservação à cultura popular da Folia de
Reis no Morro Santa Marta.

Niterói, RJ

2014

MANUELA ASEVEDO DOS SANTOS INACIO

ESCOLA DE FOLIA DE REIS MESTRE DINIZ:

Elaboração de um projeto cultural de preservação à cultura popular da
Folia de Reis no Morro Santa Marta.

Monografia apresentada ao Curso
de Graduação em Produção
Cultural da Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial
para obtenção do Grau de
Bacharel.

Orientadora: Prof^a. Me. Maria Teresa Mattos de Moraes.

Niterói, RJ

2014

MANUELA ASEVEDO DOS SANTOS INACIO

ESCOLA DE FOLIA DE REIS MESTRE DINIZ:

Elaboração de um projeto cultural de preservação à cultura popular da Folia de Reis no Morro Santa Marta.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Rio de Janeiro, 01 de agosto de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Me. Maria Teresa de Mattos Moraes - Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Prof^o. Dr. Wallace de Deus Barbosa
Universidade Federal Fluminense

Heloisa Bueno Rodrigues
Produtora Cultural

Niterói, RJ

2014

Dedico esta monografia
à todos os produtores culturais apreciadores da cultura popular brasileira,
assim como eu.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Daisy Maria Cardoso Asevedo e Roberto João dos Santos Inacio, pelo apoio do início ao fim na minha decisão pela Produção Cultural, proporcionando-me o que foi necessário para que eu estivesse inteiramente dedicada à essa fase da minha vida.

À Guilherme Lardosa pela companhia nos trabalhos de campo e por toda a paciência e parceria em todas as etapas da elaboração deste projeto.

À Leonardo Alves por ter me apresentado as histórias das Folias de Reis do Espírito Santo e me ajudado a enxergar o tema e o caminho deste trabalho.

Aos integrantes da Folia de Reis Penitentes do Santa Marta pela recepção nos ensaios e pela contribuição em minha pesquisa. Sem a colaboração de vocês nada seria possível.

À Ronaldo Júnior, membro da Folia de Reis Penitentes do Santa Marta, pela atenção e generosidade ao responder todas as minhas questões e, principalmente, por ter me apresentado a realidade do grupo e compartilhado comigo seus anseios e desejos.

À todos os moradores e crianças do Morro Santa Marta que ao acompanharem as jornadas da Folia de Reis contribuem para a preservação da tradição.

À Têê Mattos por ter vestido a minha camisa e aceitado o desafio de orientar a elaboração de uma monografia nos moldes de um projeto cultural. Por ter me apoiado e se dedicado tanto quanto eu e, principalmente, por ter me feito acreditar que a todo o momento, eu estava no caminho certo.

À Universidade Federal Fluminense e a todos os professores do Instituto de Artes e Comunicação Social, que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional durante esses quatro anos de muitos aprendizados e experiências inesquecíveis. À turma 2010.2, pela partilha e pelo o amor à Produção Cultural. Agradeço ao professor Wallace de Deus Barbosa e Heloísa Bueno Rodrigues por terem aceitado fazer parte dessa etapa, avaliando o que foi produzido.

A comunidade do Santa Marta e o bairro de Botafogo tem por costume não passar um Natal sequer sem ouvir a batida de caixas, taróis e surdos ecoando pelas vielas e becos da favela nos dias de Reis.

Ronaldo Júnior
Integrante da Folia de Reis Penitentes do Santa Marta

RESUMO

A Folia de Reis é uma manifestação popular cultural de cunho religioso, originária em Portugal, onde é popularmente conhecida como Trupe de Reis. A expressão imagética da Folia de Reis no Brasil é muito forte e advinda de toda a diversidade desencadeada pelo sincretismo cultural existente na colonização do país, com influências não só portuguesas, mas também indígenas e africanas. O presente trabalho tem como objetivo apresentar um projeto cultural elaborado “para” e “com” o grupo Penitentes do Santa Marta, localizado no Morro Santa Marta, bairro de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro, com a finalidade de valorização e estímulo à continuidade desta manifestação cultural popular dentro de sua localidade

Palavras-chave: Cultura Popular, Folia de Reis, Morro Santa Marta, Projeto Cultural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. MEMORIAL	11
1.1 O início do percurso	11
1.2 Contextualizações do território	15
1.3 Reafirmando o percurso da pesquisa	17
1.4 Ciclo da Folia de Reis do Santa Marta	19
1.5 A formulação do projeto cultural	22
1.6 Referências Bibliográficas	27
1.7 Apêndices	29
2. PROJETO CULTURAL	31

INTRODUÇÃO

A transformação nas sociedades contemporâneas ocorrida nas últimas décadas, devido à globalização, tem influência direta no que diz respeito a conservação das identidades culturais. A mistura de identidades proposta pela globalização resulta em apontamentos conflitantes que, ao mesmo tempo que permitem a maior aproximação entre culturas diversas, em consequência da facilidade de comunicação e interação, também contribuem para o surgimento da resistência de grupos culturais que, ao serem pressionados pela existência de uma identidade global, acabam por construir barreiras culturais fortalecedoras de suas tradições. Ao que aqui chamo de aproximação entre culturas diversas, Stuart Hall atribui o nome de “homogeneização cultural”, e assim afirma:

À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (HALL, 2001, P.74).

Paralelamente a isso, Stuart Hall discorre sobre o surgimento das identidades híbridas, analisadas como as identidades do mundo pós-moderno oriundas da fusão entre diferentes tradições culturais. Tal identidade é defendida por Nestor García Canclini (2000) em “Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade”, quando afirma que as culturas não vivem isoladas e estão sempre em constante interação com outras através da circulação de bens e mensagens. Por possuir e abranger aspectos sociais e históricos em sua totalidade, a cultura não pode permanecer intacta, pelo contrário, é mutável e depende de todo um contexto, muito influenciado também pela modernidade, sobretudo em um tempo em que se têm cada vez mais escolhas e as identidades são menos fixas.

A Folia de Reis, considerada por Cáscia Frade, pesquisadora de grupos de Folias de Reis no Estado do Rio de Janeiro, como:

Um ritual do catolicismo popular, organizado em pagamento de promessa e que cumpre seu voto através de peregrinações às casas de amigos e devotos no período natalino. (FRADE, 1997, P.64)

é uma manifestação cultural do Morro Santa Marta conservada há 60 anos pelo grupo Penitentes do Santa Marta e também exemplo de identidade cultural local que, mesmo com dificuldades, luta por manter viva suas expressões frente a uma lógica capitalista de mercado. Nota-se que o grupo precisa de fortalecimento, visto que a falta de informação dentro da própria comunidade, aliada a princípios fundamentais como a influência da modernidade na sobrevivência das culturas junto à morte de mestres e foliões com mais idade, são elementos que, se não analisados e estimulados, podem contribuir para o desaparecimento a longo prazo desta manifestação.

Este trabalho consiste na elaboração de um projeto cultural intitulado como *Escola de Folia de Reis Mestre Diniz* que tem como principal proposta resgatar, valorizar e estimular a continuidade da manifestação cultural popular da Folia de Reis dentro da comunidade do morro Santa Marta. Na pretensão de propalar o conhecimento artístico-cultural da tradição, o projeto propõe práticas permanentes de ação, direcionadas aos moradores, principalmente às crianças, de forma a visualizá-las como principais instrumentos de propagação do folguedo, e, assim, fornecer meios para que sejam incentivadas a se tornarem agentes da expressão cultural local.

Por se tratar de uma monografia de caráter projetual simulativo, opto por estruturá-la em duas partes. A primeira trata de um memorial descritivo, onde é narrado todo o processo de pesquisa junto ao grupo Penitentes do Santa Marta. E na segunda parte apresento o projeto desenvolvido junto aos integrantes da Folia de Reis.

1. MEMORIAL

1.1 O início do percurso

O presente trabalho começou a ser concebido em 2013, quando foi iniciado um longo e intenso período de pesquisa e imersão junto ao grupo de Folia de Reis Penitentes do Santa Marta. A princípio, o objetivo crucial da pesquisa era entender a história da Folia de Reis, para futuramente, e com propriedade, poder traçar ações que cumprissem com o propósito original de reestabelecer aos moradores a consciência da cultura local, dando a importância devida por meios de propostas que pudessem fomentar a continuidade da manifestação cultural. Após esse primeiro momento, se fez clara a importância de compreender a história do grupo Penitentes do Santa Marta, visto a grandiosidade que a manifestação da Folia de Reis tem diante de todo o Brasil e como ela se dá nos contextos e diferenciações regionais mais variados e significativos.

Se faz importante ressaltar que a motivação em procurar por um representante da Folia de Reis Penitentes do Santa Marta veio de uma observação pessoal indireta como moradora, onde pude perceber, sendo uma observadora da prática cultural, a necessidade de trazer de volta à vida dos moradores o sentimento da tradição do folguedo como forma de despertar e/ou resgatar uma identidade artística e cultural local presente há 60 anos. Durante esse período, observei ano a ano a diminuição de foliões e a presença cada vez menor de crianças acompanhando as Jornadas¹ da Folia.

Já decidida que o meu papel como Produtora Cultural seria agir pela defesa e a preservação da identidade cultural de uma comunidade próxima ao meu entorno, em setembro de 2013, estabeleci o primeiro contato com o grupo Penitentes do Santa Marta, tendo como fundamento norteador os princípios teóricos adquiridos durante a graduação. Teixeira Coelho, ao fazer uma distinção entre os termos “ação cultural”, “animação cultural” e “fabricação cultural” em Usos da Cultura afirma que em cultura, a única coisa de valor é a ação:

¹As Jornadas são os percursos realizados pelas companhias de Reis no período da festividade. Pode se dar dentro da própria comunidade ou se estender a outras da mesma cidade.

Ação é algo que se faz com, ao lado de, por dentro, desde a raiz – um processo que só tem sujeitos, que forma sujeitos (...) A ação cultural é uma aposta conjunta. Aposta-se que o grupo se descobrirá, descobrirá seus fins e seus meios. Em cultura é a única coisa que importa, a única que permanece, a única a firmar raízes.(COELHO, 1986, p. 100).

Na ocasião, conheci Ronaldo Silva Júnior, conhecido como Juninho, palhaço e contramestre do grupo Penitentes do Santa Marta há 28 anos. Foi no final do mês, início de outubro, que tivemos a nossa primeira aproximação. Recebi Juninho², como é popularmente conhecido nas vielas do Santa Marta, em minha casa e, em uma conversa que durou a tarde inteira, tivemos a chance de nos conhecer e de partilhar pensamentos em comum. O intuito desse primeiro encontro, além é claro de conhecer a origem da Folia de Reis dentro e fora dos limites do Santa Marta, era também estreitar a relação com o grupo através de Juninho. Para não chegar no grupo com conceitos pré-determinados, e sim baseada numa metodologia de diálogos a partir da troca de saberes, antes do primeiro contato tracei um roteiro onde coloquei as principais dúvidas sobre a manifestação popular e as principais ideias sobre o futuro projeto. As perguntas do roteiro inicial foram fundamentadas com referência à origem da Folia de Reis. Entre as questões: O que é a Folia de Reis? Quais elementos fazem parte da manifestação e como é estruturada? De onde surgiu a inspiração para participar da Folia? Como a manifestação cultural se sustenta nos dias atuais? Como se dá a Folia de Reis do Santa Marta?

Devido a complexidade e multiplicidade existente nas práticas da Folia de Reis, Juninho pediu para que falássemos unicamente sobre a história do Penitentes do Santa Marta, pois, segundo ele, era difícil falar sobre a origem das Falias de Reis, já que para elas existem várias versões que se modificam de acordo com as regiões em que se dão. Nestor García Canclini, em Culturas Híbridas, chama a atenção para o fato de que uma cultura pode adquirir diferentes significados e usos, mas que isso não a torna menos ou mais legítima, pois os significados não perdem a força, eles são transformados de acordo com a concepção de vida aplicada por determinados grupos sociais (CANCLINI, 2000).

E, assim, influenciada também pelo discurso do antropólogo americano Clifford Geertz, onde ele afirma que nenhum estudo, por mais completo que seja, é

² Neste trabalho, ao me referir à Ronaldo, opto por chamá-lo de Juninho.

tão profundo a ponto de conseguir atingir a totalidade de um grupo, visto toda sua complexidade³, decidi que o cerne do meu estudo iria contemplar a narrativa da Folia de Reis Penitentes do Santa Marta, analisando as particularidades deste grupo e a forma com que se relaciona com a comunidade e como trabalha para a sua sustentabilidade.

Para falar sobre a história do grupo Penitentes do Santa Marta, Juninho incorporou muito do discurso de seu avô, o Mestre Zé Diniz, um dos mestres mais conhecidos da Folia de Reis Penitentes do Santa Marta, o qual, junto aos Mestres Luiz e Dodô, levou a Folia para o Morro no final da década de 50. Mestre Diniz faleceu em 2009 sendo substituído por seu filho Riquinho, atual Mestre da Folia de Reis. Naquela tarde, entrei em contato com histórias passadas de pai para filho e pude constatar na prática que a oralidade é o meio predominante de expressão e transmissão das culturas populares. Como demonstra Laraia:

A comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral. (LARAIA, 2003, pg. 52).

Depois de escutar e aprender sobre aquela Folia, conversei com Juninho sobre a ideia inicial de elaboração de um projeto que incentivasse por meio de ações a preservação da manifestação da Folia de Reis no Morro Santa Marta, sobretudo pelas crianças, os agentes fundamentais para a continuidade da manifestação. Após apresentação a Juninho dos primeiros rascunhos que hoje, mais desenvolvidos, desdobram-se neste projeto, foi descoberto, respeitando as suas singularidades, o ponto comum entre a minha ideia e o desejo daquele grupo. Entre os desejos do grupo Penitentes do Santa Marta, identificamos os seguintes pontos:

- a) A vontade de tornar o grupo um Ponto de Cultura⁴;
- b) A construção de um centro de memória no Morro Santa Marta com registros oficiais da Folia de Reis;
- c) A criação de uma Folia de Reis Mirim dentro da comunidade.

³ GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

⁴ O Ponto de Cultura, idealizado por Célio Turino, é a ação prioritária do Programa Cultura Viva regulamentado pelo Ministério da Cultura no ano de 2004. O Ponto de Cultura agrega agentes culturais que articulam e impulsionam um conjunto de ações em suas comunidades, e destas entre si. A adesão à rede de Pontos de Cultura é voluntária, realizada a partir de chamamento público, em editais lançados pelo Ministério da Cultura, pelos governos dos Estados ou pelas Prefeituras.

Neste último ponto, o desejo que firmou a nossa parceria na escrita desse projeto: a aspiração em incentivar a formação de uma Folia de Reis Mirim dentro da comunidade. E sobre esses desejos e, principalmente o que nos uniu, tomo como base a citação de Felix Guattari sobre o que é desejo cultural:

São todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção de mundo, outros sistemas de valores (...) O desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo. (GUATTARI, 1999, P.215 e 216).

O contato com Juninho foi muito importante para o desenvolvimento deste trabalho pois estabeleceu uma relação de confiança entre nós e me deixou claro que o grupo estava aberto a interações e diálogos. Desde o início, mantive a minha preocupação ética em relação a forma como eu deveria abordar o grupo, tendo em vista o que demonstra José Jorge Carvalho ao discorrer sobre a invasão nas culturas populares:

As culturas populares estão sendo expostas a um movimento crescente e contínuo de invasão, expropriação e predação extremamente pernicioso, conectado basicamente com a voracidade das indústrias do entretenimento e do turismo e também com a manipulação dos artistas populares. (CARVALHO, 2007, P.80)

Neste sentido, afirmo que o primeiro contato com o grupo Penitentes do Santa Marta foi essencialmente estratégico.

Inicialmente a pesquisa se tratava de um questionamento em torno da pequena participação dos moradores, sobretudo das crianças, na realização das Jornadas da Folia de Reis do Santa Marta. Nesse momento, a minha visão ainda era limitada a uma fração da real amplitude da festividade dentro da comunidade. As observações que nortearam esse primeiro questionamento foram feitas a partir das Jornadas da Folia de Reis já na descida do Morro Santa Marta, ou seja, na Rua Marechal Francisco de Moura que, por sua vez, faz a conexão entre a Rua São Clemente e o acesso ao morro. Aos poucos, notei que meu olhar estava restrito ao que acontecia naquela pequena parcela de espaço, que faz parte do território do Santa Marta, mas que também não o configura como um todo. Visto isso, decidi por lançar-me na totalidade desse território e investigar a forma como a Folia de Reis se dá nesse espaço.

1.2 Contextualizações do território

A ocupação que deu origem ao Morro Santa Marta, localizado no bairro de Botafogo, data a década de 1920 e marca em 1942 a corrente migratória que ampliou o número de moradias no terreno e que rapidamente foi responsável pela ocupação da base até o topo do acidente geográfico.

O Santa Marta tornou-se internacionalmente conhecido em 1996, quando o cantor Michael Jackson subiu o morro para gravar o videoclipe da música “They don’t care about us”. A ilustre visita deu origem a um ponto turístico na comunidade que, além de uma estátua desenhada pelo cartunista Ique, também ganhou um mosaico do cantor, feito pelo artista plástico Romero Britto. Em dezembro de 2008, o Morro recebeu a primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) do Rio de Janeiro, servindo como exemplo para as outras Unidades de ocupação instaladas em outras favelas da cidade. Segundo os dados do Instituto Pereira Passos, com base no IBGE, a comunidade do Santa Marta tem uma população estimada em 3.908 habitantes, tendo o total de 1.176 domicílios. (Dados do censo demográfico de 2010).

Os dados acima descritos contribuíram para uma nova fase do Santa Marta. Embora datando períodos e contextos diferentes, a visita de Michael Jackson e, principalmente, a construção da primeira UPP da cidade, colaboraram para o surgimento de uma nova visão da favela. O Santa Marta passou a ser acessível a todos e tornou-se um dos principais roteiros turísticos do Rio de Janeiro⁵. Tal fato deve-se também a grande influência e participação da mídia nessa nova visão de favela. O Morro passou a ser destaque nos sets de longas nacionais e internacionais, de novelas, documentários e programas de TV. Transformou-se também em lugar de disputa de ingressos para festas durante o ano inteiro, como é o caso do Bloco de Carnaval Spanta Neném que, além de suas apresentações, também produz a roda de samba Morro de Alegria na quadra da escola de samba Mocidade Unida do Santa Marta. A relação do Spanta Neném com o Morro vem de

⁵ Sobre o turismo no Morro Santa Marta, destaco os trabalhos de Krishna Naira de Souza, intitulado “Possibilidades de uso turístico do Morro Santa Marta” e de Fernanda Caixeta Carvalho e Flavia Damásio Silva intitulado “Turismo e favela: um estudo sobre a Favela Santa Marta e o papel das Unidades de Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro”.

longa data. Começou nos primeiros anos do Bloco, com a forte presença de músicos da comunidade nos ensaios e desfiles - entre eles Juninho - e repercutiu na criação da Escola de Música Spanta Neném e da Oficina de Percussão do Spanta.

Além do Spanta Neném outros blocos carnavalescos como o Samba de Santa Clara, o Vagalume e o Me Esquece também realizam festas na quadra da favela. Ressalta-se que esses eventos não são muito frequentados pelos moradores devido ao preço abusivo de seus ingressos, diferentemente dos eventos realizados no Lajão Cultural, de propriedade de um guia local, e dos eventos realizados na Arena, quadra situada no topo do Morro e que geralmente realiza festas simples, com rodas de samba, pagode e funk, e sem custo de entrada.

Todo esse foco direcionado à favela também propiciou não só o surgimento de ações externas dirigidas à comunidade como também o fortalecimento de seus grupos artísticos e sócio-educativos. A exemplo das ações externas cito o Projeto Tudo de Cor pra você, das Tintas Coral, um programa de fortalecimento de engajamento dos moradores que, por sua vez, têm tido voz e autonomia para definir, na prática, como será a mudança de seu lar, o Red Bull desafio no Morro que fez parte de uma trilogia de eventos de *mountain bike* e que aproximou a comunidade contratando cerca de 100 moradores, além dos diversos passeios organizados pelas agências turísticas, como os serviços de Jeep Tour onde, além do transporte de Jeep, é incluso um guia de turismo.

Mas não é só de guias turísticos externos que o Santa Marta vive. Em 2010, o Governo do Estado lançou o programa Rio Top Tour que, através de ações como a inclusão de placas informativas na favela e o treinamento de guias turísticos locais, estimulou a participação dos moradores como empreendedores desse novo roteiro turístico da cidade.

A respeito do fortalecimento dos grupos artísticos e sócio-educativos do Santa Marta destaco o Grupo ECO, criado em 1977 e que mantém na atualidade o compromisso de debater e buscar caminhos que qualifiquem a vida dos moradores da favela na perspectiva da garantia e exercício de seus direitos de cidadania. O ECO é uma entidade sem fins lucrativos, de caráter educacional e cultural, destinada

a promover e apoiar na favela e, eventualmente, fora dela, atividades e iniciativas que visem o desenvolvimento humano integral da comunidade, com atenção especial às crianças, adolescentes e jovens. Há trinta e cinco anos o Grupo ECO realiza uma Colônia de férias que atende por ano, cerca de 200 crianças e jovens. Além de atividades que estimulam a prática de esportes, a Colônia também promove passeios culturais a museus, exposições e espaços de lazer.

Há de se afirmar que o Santa Marta tem forte identidade cultural sustentada por seus coletivos e moradores. Tais sujeitos percebem a comunidade como um território de atuação, ou seja, um espaço de livre crescimento artístico cultural. Rogério Haesbaert (2004) afirma que o território enquanto “espaço tempo vivido” é sempre múltiplo, diverso e complexo. Para o autor:

O território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”. Território assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional poder político. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. (HAESBAERT, 2004, P.1)

No Morro Santa Marta, como analisado acima, o território é construído por uma série de agentes: os grupos sociais, o Estado e outros diversos sujeitos. No projeto desenvolvido nesta monografia, nos pautamos nas ações que buscam o fortalecimento da territorialidade da Folia de Reis.

1.3 Reafirmando o percurso da pesquisa

Após outros encontros com Juninho, a participação nos primeiros ensaios e, posteriormente, nas Jornadas da Folia, e a total imersão dentro do espaço estudado, constatei que dentro da comunidade a participação dos moradores é limitada aos dias das Jornadas. Ressalto aqui que o fato da participação ser limitada a esse período de tempo não significa que não há interesse e valorização por parte dos moradores em manter a manifestação viva dentro da comunidade. A Folia só é reconhecida nos meses de sua “temporada” (dezembro a janeiro). Para além desses meses, a exceção de outubro, quando se iniciam os ensaios, não há qualquer atividade ou movimento que estimule o fortalecimento e continuidade da tradição da

comunidade. Percebi aí que a questão girava em torno da necessidade de se criar meios que introduzissem e estimulassem a comunidade, em especial as crianças, a fazer parte do contexto folclórico de seu território, visualizando-as como os principais sujeitos capazes de preservar e dar continuidade à manifestação.

A partir de então, meu contato com a Folia de Reis Penitentes do Santa Marta estreitou-se e passei a ser convidada frequentemente para participar de ensaios, festas e encontros do grupo. Em novembro de 2013, estive presente no primeiro ensaio da Folia para as jornadas de Natal e de 2014. Os ensaios são feitos regularmente aos sábados, às 20h, no terraço da casa da avó de Juninho e esposa de Mestre Diniz, Dona Maura. Neste dia em especial, o ensaio atrasou um pouco mais de 1h, e foi o tempo necessário para que eu pudesse conhecer os outros foliões e observar de longe o jeito como falavam, como afinavam ou limpavam seus instrumentos. Até o início do ensaio, o clima era de descontração. Alguns foliões bebiam cerveja e fumavam cigarros enquanto conversavam sobre fatos cotidianos. Fui muito bem recebida por Dona Maura e por Maria Rita, ambas pastoras⁶ da Folia e as únicas mulheres do grupo.

Nesse encontro, pedi a autorização para filmar e tirar fotos e não tive problemas quanto a isso. O contato foi um pouco difícil, alguns não sabiam o que eu estava fazendo ali, e os que sabiam me olhavam um pouco desconfiados. Recebi muitos sorrisos e acenos de longe, mas nenhum contato mais próximo foi estabelecido, exceto pelo que tive com Mickey⁷, um homem que também estava assistindo ao ensaio. Mickey estava fazendo um estudo sobre a Folia de Reis e aquele era seu primeiro contato com o grupo. Ao término do ensaio, nos apresentamos e descemos o morro juntos. Mickey estava ali para captar o áudio do ensaio – os versos e canções da Folia de Reis - e transformá-lo em um de seus programas para rádio. Mickey também demonstrou interesse em saber o que eu estava fazendo no ensaio e, ao conversarmos, falou-me sobre o que já havia visto

⁶ As pastoras ou pastorinhas fazem parte da “ala” feminina das Foliás de Reis. São as cantoras do grupo e geralmente são mulheres com mais idade.

⁷ Também conhecido pelo nome artístico de MdC Suingue, Mickey é fundador de um programa chamado *Caipirinha Appreciation Society* produzido para a rádio inglesa SOAS Radio, da University of London, e difundido para o mundo como podcast, oferecendo à audiência internacional duas horas de música brasileira pouco explorada pela mídia, de todos os estilos, regiões e períodos, de sambas clássicos a misturas modernas.

sobre as Folias de Reis e suas variações, tomando como exemplo um encontro que costuma frequentar: o Encontro Anual de Folia de Reis de Valença⁸. Ele me revelou o quanto o encontro é diverso e como os grupos que participam a cada ano se diferenciam em seus elementos. Nesse dia o ensaio contou com 15 integrantes e acabou por volta das 23h30.

Durante o processo da pesquisa, continuei firmando conversas e encontros com Juninho, que passou a ser o mediador entre eu e o resto do grupo. Um encontro geral era bastante difícil de ser marcado, já que além dos horários de trabalho não coincidirem, havia também a questão de muitos dos integrantes não residirem no Morro Santa Marta. A partir daí, nos víamos nos ensaios e nas Jornadas, e tudo o que era discutido ou pensado entre o grupo em relação às ações que o projeto deveria propor, era devidamente anotado por Juninho e conversado comigo posteriormente.

1.4 Ciclo da Folia de Reis do Santa Marta

O dia 06 de janeiro de 2014, quando se comemora o Dia de Reis, marcou a Jornada na qual pude vivenciar a expressão da Folia de Reis da maneira mais intensa desde que iniciei a pesquisa. (Apêndice A)

Para uma melhor compreensão da manifestação, partiremos agora para a descrição da prática da Folia de Reis. Às pessoas que recebem a Folia de Reis em casa, dá-se o nome de *padrinhos*. São eles que, após toda a celebração, entre cânticos, danças e rezas, oferecem uma grande mesa de lanche para os membros da Folia e todos os convidados. Nesse dia, quem recebeu a Folia de Reis foi o professor e produtor Adair Rocha⁹ dentro do espaço do Grupo ECO, localizado no Morro Santa Marta. É comum que os padrinhos recebam a Folia em suas próprias casas, porém, por questões que inibem a união entre cultura e tradição popular ao

⁸ Valença é o maior polo de folia do estado do Rio de Janeiro. Estão em atividade na cidade pelo menos 35 grupos de folia de reis, doze deles são folias de roça e as demais são mais urbanas.

⁹ Pós-doutor em comunicação pela UFRJ; professor adjunto da PUC-Rio e na UERJ, ambas do departamento de Comunicação Social. É fundador do Núcleo de Comunicação Comunitária da PUC-Rio; autor de vários artigos publicados em revistas e jornais periódicos e capítulos de livros nas áreas de comunicação, cultura e movimentos sociais. Gestor público de cultura nos últimos onze anos, na Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e no Ministério da Cultura do governo Lula.

contexto urbano das grandes cidades, Adair Rocha, autor do livro A Cidade Cerzida, sobre o Morro Santa Marta, recebe a Folia todos os anos dentro do espaço do Grupo ECO. A favela estava muito movimentada e, entre os moradores, misturavam-se estudantes, turistas e muitos fotógrafos. (Apêndice B)

A Folia saiu da casa de Dona Maura, onde ocorrem os ensaios, em direção ao Grupo ECO. As vielas ficaram ainda mais estreitas diante da grande quantidade de gente que ali se aglomerava. Entre os turistas, estudantes e fotógrafos, as crianças se destacavam correndo atrás da Folia de Reis. Já não havia mais espaço dentro do ECO para mais pessoas, a casa estava inteiramente lotada e mal havia espaço para os palhaços dançarem. Toda a família de Adair estava presente e a oração principal, cantada junto ao presépio, iniciou a noite. A celebração começou por volta das 19h e só teve fim à meia noite, com a apresentação dos quatro palhaços da Folia e o momento de confraternização final com o oferecimento do lanche pela família a todos os presentes. (Apêndice C)

Dando continuidade a metodologia de diálogo, foi nesse dia que tive a oportunidade de constatar de perto a forte relação dos moradores com a Folia e conversar com as figuras principais para a elaboração deste projeto: as crianças. De maneira muito informal e, é claro, tirando proveito de algumas situações nas quais elas se aproximavam, tentei perguntar sobre o que achavam, se sabiam o que era a Folia de Reis e se gostariam de um dia fazer parte como foliões daquela celebração. Para a primeira pergunta, não existiu uma afirmação concisa. As respostas se resumiram em “muito legal” e “engraçada”. Para a segunda pergunta, não faltou entusiasmo. Quando questionadas sobre se tornarem foliões ou palhaços, todas demonstraram interesse. Na mesma ocasião, fui abordada por uma criança que disse querer ser palhaço, apesar de não ter dinheiro para se fantasiar como tal. Diante de toda a festa e animação do Dia de Reis, é claro que elas se dispersaram rapidamente. (Apêndice D)

Ao participar da festa de Reis do Santa Marta, pude reforçar a ideia sobre o quão importante seria a concepção de um projeto de estímulo à participação de crianças na propagação da cultura.

De dezembro a janeiro, o contato com Juninho foi um pouco limitado. Nesse período, as Jornadas ocorrem toda semana e, tanto Juninho, quanto o resto dos integrantes, ficam cansados devido ao grande caminho que percorrem durante todo o dia. O Penitentes do Santa Marta, não só realiza as Jornadas dentro de sua localidade. O grupo também percorre outras comunidades, tais quais: Cidade de Deus, Rocinha e Morro da Formiga. Como o grupo não tem uma condução própria para facilitar os deslocamentos, as Jornadas se tornam ainda mais cansativas e demoradas, sendo totalmente dependentes de transporte público, do tempo de locomoção de cada integrante – já que alguns são mais idosos –, e do transporte dos instrumentos, que ainda são, como a 60 anos atrás, feitos de madeira. No espaço desse tempo, nosso contato foi basicamente estabelecido via e-mail, telefone e, é claro, quando nos víamos entre uma Jornada e outra.

O ciclo da Folia de Reis Penitentes do Santa Marta se encerrou no dia 20 de Janeiro de 2014, com a procissão à São Sebastião, também tido como padroeiro dessa Folia. A manifestação pode se dar de 25 de dezembro a 06 de janeiro, ou em outra data que se queira celebrar, como é o caso do 20 de janeiro, dia em que a maior parte das Foliás da cidade do Rio de Janeiro comemoram o último encontro da celebração. Durante todo o ano, a imagem do Santo padroeiro é guardada na casa de Dona Maura. O Santo fica acomodado estrategicamente em um pequeno altar de maneira que, para todos os ensaios, se faz necessário que os integrantes da Folia passem por ele e assim peçam sua benção. Nessa ocasião, os palhaços não usam máscaras e os cânticos da procissão são levados por somente alguns instrumentos da Folia. A participação das crianças foi intensa e dada com muito respeito. Todas estavam compenetradas, com velas a mão e acompanharam a procissão seguindo os cânticos e orações. A procissão desce o morro, dá a volta na Rua Barão de Macaúbas e retorna para uma pequena e antiga igreja, situada no alto do morro, onde também é guardada a imagem de Santa Marta, padroeira da comunidade. (Apêndice E)

Na busca por uma maior interação com os moradores da comunidade, sem que fosse durante os festejos da Folia de Reis, em abril de 2014 participei de um

programa das Tintas Coral no Morro, o Tudo de Cor pra você¹⁰. Por sorte, como voluntária, fiquei a cargo da pintura da casa de uma família com duas crianças. Enquanto cumpria a minha função, as crianças, Manuela e Arthur, foram gentis e me fizeram companhia até o horário do almoço. Nesse dia, o trabalho voluntário teve início às 9h. Aproveitei-me da ocasião para conversar mais uma vez com crianças sobre a Folia de Reis. Nessa conversa, também bastante informal, falamos sobre a proximidade das duas com os festejos. Também por sorte, ou coincidência, entre três das casas escolhidas para serem pintadas naquele dia, fiquei com a casa vizinha à casa de Dona Maura. Fiz as mesmas perguntas que fiz às crianças no dia 06 de janeiro no Grupo Eco, e Manu e Arthur falaram muito além do que eu havia perguntado. Falaram sobre serem amigos dos palhaços, sobre não terem medo dos mascarados, sobre sempre acompanharem a Folia e, a parte que mais me interessava, sobre a vontade de também aprenderem a serem foliões. Arthur ainda se estendeu e me falou mais sobre a vontade de ser um palhaço, falou sobre como a roupa é bonita e colorida e como seria a sua máscara caso se tornasse um. Na sua fala e no modo como se expressava, foi perceptível a admiração inocente que ele tem pela Folia.

1.5 A formulação do projeto cultural

Após o fim do período de festejos da Folia de Reis, o recesso de Carnaval e a rotina de Juninho ter voltado ao normal, retomamos nosso contato a fim de traçarmos juntos as ações que o projeto poderia oferecer. Nesse momento, e depois de ter aprendido e vivenciado a prática da Folia de Reis dentro da comunidade, me vi pronta para reformular minhas primeiras ideias e, assim, pensar junto ao grupo atividades que pudessem estimular a participação das crianças dentro da Folia de Reis. Pensamos em conjunto e decidimos que a melhor maneira de dar continuidade à tradição dentro da comunidade, seria através de oficinas práticas que pudessem aproximar as crianças da história e do folclore que há na cultura popular da Folia de Reis. E tudo isso seria realizado com a ajuda dos próprios integrantes do grupo

¹⁰ A equipe da Coral, com a ajuda de muitos voluntários, tem levado o projeto "Tudo de cor para você" até muitas cidades brasileiras. Uma delas é o Rio de Janeiro, onde a pintura das casas do Morro Santa Marta, com inspiração no estilo artístico de Mondrian, é uma das que mais se destaca. Segundo a empresa, o programa fortalece o engajamento dos moradores que, por sua vez, têm tido voz e autonomia para definir, na prática, como será a mudança de seu lar e, conseqüentemente, de sua vida.

Penitentes do Santa Marta, que, desde o início, se responsabilizaram e se propuseram a serem os próprios oficinairos do projeto.

Diante disso, todo o projeto foi pensado e concebido com o propósito futuro de ser passível de realização. Até mesmo o nome foi elaborado em conjunto, sendo o projeto *Escola de Folia de Reis Mestre Diniz*, uma singela homenagem ao último e mais lembrado líder da manifestação cultural.

Na busca por melhor entender trabalhos e projetos realizados dentro de favelas, também resolvi buscar por uma figura que tivesse experiência com esse tipo de território e que tivesse uma trajetória marcante e reconhecida pela atuação local, foi aí que procurei por Marcos Pinheiro. Conheci Marcos através de uma reportagem publicada pela Revista **Veja Rio**, intitulada como Carioca Nota Dez. A publicação elogiava o trabalho de Marcos dentro do Morro do Salgueiro, Rio de Janeiro, onde ele mantém um projeto social esportivo voltado para crianças e jovens locais. O intuito desta aproximação foi a troca de experiências com um produtor cultural que atuava em uma realidade próxima às condições do território que eu estava propondo atuar. Quando expliquei o motivo daquela ligação, Marcos logo apoiou a atitude e se mostrou interessado em conhecer o Morro e os integrantes da Folia de Reis Penitentes do Santa Marta. Falamos sobre políticas públicas, sobre a valorização das culturas populares, sobre a invisibilidade governamental frente a estímulos culturais, sobre futebol e sobre Foliás de Reis. Marcos inclusive trocou alguns contatos comigo que me poderiam servir futuramente na realização desse projeto.

Tendo percorrido minha trajetória e explicitado o tempo e as atividades durante o trabalho de campo, descrevo a seguir o processo de construção e a estrutura do projeto *Escola de Folia de Reis Mestre Diniz*, baseado no que explicita Heloísa Bueno Rodrigues, em “Projeto Cultural: reflexões para além de um instrumento técnico”:

Sabemos que o tema (projetos culturais) é amplo, com muitas entradas e vias, algumas excessivamente técnicas, voltadas para uma maior eficácia produtiva, outras mais contextuais, relacionais, de ordem mais sociológica ou antropológica, e de fato, o projeto cultural, caminha entre esses termos. (RODRIGUES, 2011, pg.1)

Toda a experiência e proximidade junto ao grupo permitiu-me entender determinadas situações, observar detalhes e analisar as relações junto àquela comunidade. Como defende Clifford Geertz, em estudos antropológicos há a necessidade de ampliar a nossa visão de mundo e não se ater somente àquilo que se vê ou ao óbvio. Foi preciso que eu mergulhasse no cotidiano dessas pessoas que compõem e que lutam para preservação da tradição, para que eu realmente entendesse não só a história, mas também o significado emocional e vital da Folia de Reis para seus seguidores. Acompanhar os preparativos da Folia de Reis 2013 – 2014 do Morro Santa Marta foi também fundamental para compreender o ponto de vista de seus próprios atores e, assim, identificar junto à eles, as principais matrizes a fim de elaborar as ações e objetivos do presente projeto. Assim como cita Cléia Silveira, em “No caminho da organização”:

Planejar é refletir e decidir em conjunto, de forma cíclica, quais as melhores alternativas de ação para, diante de uma situação problema, atingir certos objetivos. (SILVEIRA, pg. 22).

Para concepção desta monografia, utilizei o trabalho de campo em diálogo com o método da etnografia. Primeiramente, coletei todos os dados que me foram transmitidos, para aí sim, elaborar o projeto cultural. Clifford Geertz em “A Interpretação das culturas” se reapropria do método da “descrição densa”, proposto inicialmente por Gilbert Ryle, para a realização de uma boa análise antropológica e defende por esse método a observação na prática, o “jogar-se na cultura” e a imersão cultural que deve ser feita não somente pelo uso de teorias, mas pela participação ativa e mergulho total dentro do grupo estudado.

Na mesma linha de raciocínio, as contribuições de Heloisa Bueno Rodrigues sobre a concepção de projetos culturais, foram fundamentais para o entendimento sobre a importância de o produtor cultural estar inserido no meio em que realiza seu estudo:

Um produtor cultural deverá conhecer profundamente o território com o qual estará trabalhando, a fim de que possa se aproximar ao máximo do âmbito das subjetividades (e singularizações) e assim propor uma ação que possa se desdobrar em processos de identificação, revelador de novas percepções e fomentador da diversidade e pluralidade. (RODRIGUES, 2011, P.10).

O método da “culturanálise”, defendido por Edgar Morin, citado por Heloísa Rodrigues, motivou o desenvolvimento deste projeto, de modo que o método, nada mais é, que a aproximação do agente ao seu meio de atuação para que se simplifique a descoberta das necessidades do extrato cultural analisado. O olhar próximo, e não somente observador distante, permite uma pesquisa mais densa, mesmo tendo a consciência da complexidade de cada grupo cultural e sabendo que nenhum estudo é tão profundo a ponto de conseguir atingir a totalidade de sua cultura.

Creio que a elaboração deste trabalho, escrito na forma de um projeto cultural simulativo, reconhecido como um “instrumento que visa a transformação do real na efetivação de uma ideia concreta” (RODRIGUES, 2011), seja fruto de um processo de dimensões práticas e teóricas e que não seria possível sem a colaboração dos moradores e foliões do Morro Santa Marta.

É importante também destacar o entendimento do projeto cultural “para além de um instrumento técnico”, como afirma Rodrigues. Para a autora, o projeto cultural deve ser entendido:

Como um procedimento que superando sua mera instrumentalidade, estabelece novos processos de subjetividade (uma vez que conjuga novas percepções / visões de mundo); busca apreender anseios e desejos para com os grupos sociais para os quais se volta; possibilita e alimenta as trocas e diálogos entre diferentes territórios expressivos, ao mesmo tempo em que se constitui como um instrumento gerador de mercado, sem sucumbir as suas supostas determinações. (RODRIGUES, 2011, P.14).

A formulação do projeto *Escola de Folia de Reis Mestre Diniz*, se deu a partir:

- a) das experiências de campo, onde foi identificado o reconhecimento de um cenário cultural fértil e o contato com a identificação dos problemas referentes a continuidade desta expressão cultural;
- b) da leitura do referencial teórico referente ao tema das culturas populares, da folia de Reis e do projeto cultural;
- c) do diálogo com os participantes da Folia, e outros mediadores culturais.

O projeto foi estruturado em três partes. A primeira delas, mais introdutória, busca descrever a Folia de Reis partindo da origem portuguesa da manifestação até a maneira como se desenvolve no Brasil, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro. Num segundo momento, descrevo a trajetória da Folia de Reis Penitentes do Santa Marta, a composição do grupo e os elementos do folguedo, dando especial atenção aos personagens e símbolos:

- O que é a Folia de Reis?
- A Folia de Reis no Santa Marta – Os Penitentes
- A estrutura e os elementos da manifestação cultural

Seguindo a estrutura escolhida para a concepção do projeto, os itens seguintes estão mais relacionados ao conteúdo da ação proposta:

- Apresentação do projeto
- Justificativa
- Objetivo
- Oficinas

Eles descrevem os fundamentos básicos para a escrita do projeto, explicitando seus motivos, objetivos e a forma como será organizado, a saber, a maneira dinâmica e maleável que um projeto cultural deve considerar, assim como é verificado por Heloisa Rodrigues:

O trabalho do produtor se aproxima ao de uma modelagem que toma a matéria cultural conferindo-a novos sentidos e materialidades. Ao mesmo tempo, a categoria projeto, ao convergir com essa visão, deve fazê-lo considerando essa forma dinâmica e maleável, que se transforma e se molda a cada nova situação, e que não se estabiliza como uma fôrma, rígida e impositiva. (RODRIGUES, 2011, pg. 5).

E a terceira parte do projeto apresenta informações relacionadas ao aspecto técnico-gerencial.

- Participação da comunidade
- Possíveis patrocinadores
- Contrapartidas e Plano de comunicação
- Cronograma
- Orçamento.

Passemos então para a descrição detalhada do projeto cultural.

1.6 Referências Bibliográficas

- BOAS, F. Os métodos da etnologia e Alguns problemas de metodologia nas ciências sociais. In: Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.p.41-66.
- BURKE, Peter (1989) – Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Cia. das Letras.
- CHAUÍ, Marilena. Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 4º edição, 1989.
- CANCLINI, Nestor García. Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo, EDUSP, 3ª ed., 2000.
 _____. A cultura extraviada nas suas definições. In: Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: ED UFRJ, 2005.
- CARVALHO, José Jorge. “Espetacularização e canibalização das Culturas Populares”. In: II Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares. São Paulo: Instituto Pólis; Brasília: Ministério da Cultura, 2007.
- COELHO, Teixeira. Usos da Cultura (Políticas de Ação Cultural). SP: PAZ E TERRA, 1987.
 _____. Dicionário crítico de política cultural. Campinas: Iluminuras, 1997.
- CORRÊA, Joana Ramalho Ortigão. “Museu Vivo do Fandango: um projeto em construção”. In: DIEGUES, Antonio Carlos (org.) Enciclopédia caiçara. Vol. 5, São Paulo: Hucitec, 2006.
- FRADE, Cáscia. Folclore. SP. Global, 2ªed, 1997.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GOLDENBERG, Miriam. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

- GUATARRI, Félix e ROLNIK, Suely. Micropolítica – Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, set. 2004. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2009.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. _____. “Notas sobre a desconstrução do ‘popular’” In: Da diáspora – Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Unesco, 2003.
- KUPER, Adam. Cultura: a visão dos antropólogos. Bauru, SP. EDUSC, 2002.
- LARAIA, Roque. Cultura: Um Conceito Antropológico. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1973]1993.
- ROCHA, Adair. Cidade Cerzida - A costura da cidadania do Morro Santa Marta. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012.
- RODRIGUES, Heloisa Bueno. “Projeto cultural: reflexões para além de um instrumento técnico”. In: VII Enecult, Salvador, BA, 03 a 05 de agosto de 2011.
- SILVEIRA, Cléia. Planejamento e projeto. In: ZANETTI, Lorenzo, et all. No caminho da organização. Rio de Janeiro. FASE/SAAP, s.d.
- THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna. Petrópolis: Vozes, 1990.

1.7 APÊNDICES

A – Preparação para a Jornada do Dia de Reis em 06/01/2014



B – Adair Rocha recebe a Folia de Reis no Grupo ECO.



C – Aglomeração de crianças em frente ao Grupo ECO.



D – Crianças vestidas de palhaço



E – Procissão dia 20/01/2014 – Rua Marechal Francisco de Moura.



2. PROJETO CULTURAL